

PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO VÍNCULO AFETIVO: O CUIDADOR NA RELAÇÃO COM A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO¹

Maria Rosimere da Conceição Silva²
Zeno Germano de Souza Neto³

Resumo

Este artigo refere-se a uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo analisar qual o significado do vínculo afetivo para o cuidador na sua relação com as crianças em situação de acolhimento institucional. Buscou-se também descrever como as cuidadoras pesquisadas percebem a sua prática e como resultado a interpretação dos sentimentos aí implicados. Tais objetivos foram fundamentados a partir do método psicanalítico, o qual se utiliza da interpretação do discurso do entrevistando para se chegar a uma evidência dos significados inconscientes. Para coleta de dados foi utilizada entrevista semiestruturada de forma individual e com gravação de áudio, tendo como amostra três cuidadoras. Os resultados encontrados apontam para uma relação entre cuidadoras e crianças baseadas na troca de afetividade, porém o ato de cuidar se mostrou muito mais como uma questão funcional de suprimento de necessidades do que como um ato natural de uma figura materna.

Palavras chave: Cuidador. Figura materna. Vínculo afetivo.

Abstract

This article refers to a qualitative study that aimed to examine the meaning of the emotional bond to the caregiver in relation to children in situations of institutional care. We sought to describe how well the caregivers surveyed perceive their practice and as a result the interpretation of the feelings involved there. These objectives were based from the psychoanalytic method, which uses the interpretation of speech interviewing for reaching evidence of unconscious meanings. For data collection was used semistructured interview individually and with audio recording, and a sample of three caregivers. The results point to a relationship between caregivers and children based on the exchange of affection, but the act of caring proved far more functional as a matter of supply needs rather than as a natural act of a mother figure.

Keywords: Caregiver. Maternal figure. Bonding affective.

¹ Artigo científico apresentado ao Instituto Luterano de Ensino Superior de Porto Velho - ILES/ULBRA, como requisito para a obtenção do título de Formação Específica em Psicologia. Em Novembro/2012.

² Acadêmica do 10º período do curso de psicologia do ILES/ULBRA.

³ Psicólogo Clínico e Jurídico. Docente do curso de Graduação em Psicologia do ILES/ULBRA - Porto Velho/RO. Especialista em Psicologia Clínica e Doutorando em Psicologia. Orientador da Pesquisa.

Ao longo do processo de amadurecimento, a criança desenvolve a necessidade de estabelecer um vínculo com a mãe ou um cuidador substituto. Tanto a estrutura psíquica como o sistema biológico da criança está em desenvolvimento. Devido à ausência da capacidade de provimento das próprias necessidades básicas é necessário que surja o apoio responsivo de alguém para contribuir com o desenvolvimento do infante.

O vínculo afetivo como uma forma de se relacionar com o outro na perspectiva de manter-se ligado emocional e/ou comportamentalmente, apresenta-se na relação cuidador e criança como um meio de subsistência e manutenção de um ambiente adequado para o desenvolvimento maturacional sadio desta última. A proximidade de ambos funciona como uma busca pela segurança e apoio, que seja nos momentos de adversidade ou para proporcionar uma capacidade funcional da personalidade da criança.

Quando se pensa então, na criança em situação de acolhimento há de se pressupor que em algum momento do afastamento familiar houve uma quebra no vínculo entre os entes parentais, e em especial com a mãe a qual é o primeiro objeto de amor do infante. E a instituição de acolhimento surge como uma possibilidade de suporte tanto material quanto afetivo, mas para isso é importante que os cuidadores que venham a se responsabilizar pela atenção a essas crianças estejam disponíveis para gerar nesse ambiente um local de fortalecimento e construção de vínculos saudáveis na vida dos que necessitam serem acolhidos.

Nesta perspectiva, se questiona as seguintes proposições: as relações que se constroem entre cuidadoras e crianças acolhidas são passíveis de formarem vínculos afetivos positivos? Essas cuidadoras substitutas sentem-se preparadas emocionalmente para atuarem juntas a essas crianças? Elas se percebem num processo de maternagem no desvelar de cuidados a essas crianças?

E para conceber as variáveis que se embutem nessa relação é importante compreender qual a importância da presença do cuidador no desvelo a essas crianças acolhidas, descrever a percepção das cuidadoras quanto a sua prática e, por fim a interpretar a qualidade de afeto que se insere nessa relação.

O vínculo afetivo sob a ótica psicanalítica

Ao longo de anos de pesquisas diversos autores psicanalíticos vem contribuindo de forma pertinente para a compreensão de como se consolida o vínculo afetivo na vida do ser

humano. Estas contextualizações enfatizam que, a partir dos primeiros meses de vida a criança desenvolve estruturas básicas subjetivas que faz com que aos poucos consigam diferenciar o si mesmo daquele que cuida, o qual pode ser a mãe ou um cuidador responsável (BOWLBY, 2002).

A sistematização dessas experiências desenvolve na criança a representação da relação consigo mesmo e com o outro, nelas vão surgir vários sistemas de conduta que vai propiciá-la um prazer satisfatório e de troca se a relação for positiva, e de afastamento, caso seja negativa, que podem ser entendidos como um vínculo afetivo positivo ou negativo. E, para corroborar com esta ideia Bowlby (2002, p.222) acredita que a conduta de vinculação ou apego “se desenvolve no bebê como resultado de sua interação com o seu meio ambiente de adaptabilidade evolutiva e, em especial, de sua interação com a principal figura nesse meio ambiente, ou seja, a mãe”. Nessa perspectiva a criança procura conservar a proximidade com seu cuidador como uma forma de satisfação e de segurança.

Alguns fatores levam a criança a se unir de forma positiva ou negativa a alguém e isso vai depender das representações que ela mesma cria nessa relação de cuidados. Freud (1905/1996, p.210) revela que, “[...] durante todo o período de latência a criança aprende a amar outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactante com a ama e dando continuidade a ele”. A forma como a criança introjeta os cuidados que foram dispensados a si desde os primeiros contatos com o seu cuidador se transferirá para suas futuras relações e implicará também na sua *escolha de objeto*⁴. Neste constructo é importante que haja uma identificação com o objeto escolhido. Assim, Freud (1921/1996, p. 117) resume esse processo dizendo que,

[...] Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço.

A forma como este cuidador dispensa os cuidados à criança e como a acolhe “[...] funciona como um suprimento de um lugar de segurança, uma base segura para exploração e uma fonte de restauração de confiança, quando a criança é ameaçada” (SROUFE et al., 2008, p.50). E, dependendo de como é suprida as necessidades afetivas e ambientais e como são

⁴ Ato de eleger uma pessoa ou um tipo de pessoa como objeto de amor (LAPLANCHE E PONTALIS, 2004).

internalizadas por ambas, mãe (cuidador) e criança, pode influenciar no desenvolvimento e na capacidade de vincular-se um ao outro.

Para tanto, Freud (1914/2004, p. 107) ainda recorda que,

[...] O único fato que se pode primeiro observar é que a criança toma seus objetos sexuais a partir de suas experiências de satisfação. [...] As pulsões sexuais apoiam-se a princípio, no processo de satisfação das pulsões do EU para veicularem-se, e só mais tarde tornam-se independentes delas. Esse modo de apoiar-se nos processos de satisfação das pulsões de autoconservação para conseguir veicular-se fica evidente quando se observa que as pessoas envolvidas com a alimentação, o cuidado e a proteção da criança se tornam seus primeiros objetos sexuais, portanto primeiramente a mãe ou seu substituto.

Nesse tipo de escolha de objeto dar-se o que Freud (1914/2004) denominou como um tipo de veiculação sustentada, um comportamento transferencial no qual a criança busca satisfazer suas necessidades através do apoio do seu cuidador. Na ocorrência de perturbações nessa busca de satisfação a criança não mais buscará a mãe como fonte de suprimento, mas a si mesmo como um objeto de amor, o que se configura como um narcisismo primário.

Por sua vez, Winnicott (2006) cita que é importante admitir que há uma dependência, e essa dependência da criança é tão perceptível que as mesmas não conseguem por si só supri-las. Essa dependência é marcada por um período de experiências muito importante para a construção de um vínculo afetivo e para a constituição da personalidade da criança. Assim, a mãe ou o cuidador substituto se apresenta como peça fundamental para elaboração dos estados emocionais da criança, o que vai influenciar na integração das suas vivências e na relação com o meio em que se insere.

E na perspectiva de se aliar a uma figura principal como meio de subsistência e desenvolvimento do seu primeiro laço afetivo, Bowlby (2004) caracterizou como “figura materna” a pessoa a quem a criança se reporta e projeta todas as suas necessidades e desejos e a qual se revela como uma base segura. Há a “mãe substituta” que pode ser designada como “figura de apego” ou “figura de apoio” que se pode dizer daquele indivíduo a quem a criança escolhe a quem se remeter por um tempo limitado ou provisório, como exemplo em situação de acolhimento. Bowlby (2004, p.380) esclarece que,

Embora seja usual a mãe natural de uma criança ser a sua principal figura de apego, o papel pode ser efetivamente assumido por outras pessoas. As provas que se dispõe evidenciam que, desde que uma figura substituta se comporte de um modo maternal em relação a um bebê, este a tratará da mesma maneira que uma outra criança trataria sua mãe natural.

Esse “modo materno” a que Bowlby cita, refere-se o quanto essa figura substituta se coloca disponível para responder as solicitações da criança e como a mesma interage nessa relação com o infante. Assim, para Hinde (apud BELSKY, 2008, p. 87):

Não existe o melhor estilo de maternidade (ou apego), pois estilos diferentes são melhores em circunstâncias diferentes e a seleção natural funcionaria a favor de indivíduos com uma variedade de estilos potenciais, dos quais eles selecionam apropriadamente. [...] Comportamento de maternidade (e apego) ótimo variará de acordo com o status social da mãe, contribuições do cuidado por parte de outros membros da família (ou figura substituta – grifo nosso), o estado de recursos físicos e assim por diante... um relacionamento mãe-criança que produz adultos bem sucedidos numa situação pode não fazer o mesmo em outras.

A presença dessa figura e a qualidade dos cuidados que dispõe influencia o modo como a criança vai constituir-se como indivíduo e a forma como vai transpor as experiências vivenciadas nessa relação no mundo exterior. Segundo Albornoz (2006, p.19) essas marcas de forma positiva irão:

[...] A partir do amor da mãe e de sua capacidade empática, o bebê organiza suas pulsões libidinais e agressivas, inaugura o simbólico e constitui-se como sujeito psíquico. O reforço fornecido pelo ego da mãe possibilita ao bebê satisfazer suas necessidades, conter sua angústia e internalizar padrões de comportamento, prosseguindo o desenvolvimento de sua personalidade e de sua autonomia.

Essas experiências promovem na criança a percepção de que todo o sistema funcional de sua personalidade e de satisfação física está em pleno funcionamento gerando contentamento e prazer nessa relação de cuidado. A partir disso, as relações entre si mesmo e o mundo exterior dará vazão para uma nova forma de relação. A bagagem que carrega já imbricada na sua estrutura psíquica irá determinar como essas relações presentes e futuras irão ocorrer.

Abreu (2010) corrobora dizendo que de forma não muito frequente a criança em suas relações interpessoais tem dificuldades em manter relacionamentos duradouros e seguros, tornando-se mais voltadas a si próprias do que ao outro, características essas que se tornam mais incipientes na adultez quando as relações se tornam uma necessidade mais social do que pessoal. Porém, num contexto em que as experiências foram positivas, o enfrentamento a situações adversas irão ocorrer de forma resiliente e madura e, em se tratando de um ambiente em que se constituiu numa situação de desamparo e insegurança a relação com os demais será enfrentada de forma patológica e ambígua.

No entanto, Freud (1905/1996, p. 211) postula que a mãe “[...] quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo

aquilo que os seres humanos são impelidos pela pulsão”. Quando o filho percebe esse amor de certa forma dosada ele é capaz de transferir esse amor para outro objeto de satisfação sem que haja um prejuízo na sua capacidade de realização e cobrança consigo mesmo e para com outro.

Diante de tais experiências que contribuem para o desenvolvimento da criança, a qual na primeira infância não está equipada de estratégias psíquicas e físicas para enfrentar as grandes excitações que surgem ao longo do seu crescimento, têm-se a perspectiva que surjam pessoas, como outro cuidador responsável, que venha se por no papel de mãe e tenha a consciência dessa função. Para tanto, Figueiredo (2007, p. 24) escreve que “[...] apenas quem introjetou criativamente as funções cuidadoras e as exerce com a mesma criatividade pode transmiti-las de forma criativa e eficaz e ajudar na constituição de sujeitos responsáveis”. Nesse sentido, o cuidador não só promoverá um ambiente facilitador para o desenvolvimento das interações, mas a promoção de um cuidado afetuoso e terno.

Metodologia

Considerando a importância da formação e da qualidade do vínculo afetivo na relação do cuidador com a criança em situação de acolhimento, buscou-se através do marco teórico psicanalítico uma compreensão mais acurada dessa vivência a partir da análise do discurso do pesquisando. Laplanche e Pontalis (2001, p.384) recordam que a psicanálise se “fundamenta num método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias delírios) de um sujeito”. Assim, o campo da pesquisa psicanalítica é demarca-se “por seu objeto, que é o psíquico, isto é o inconsciente; por seu método, que é a interpretação; pela técnica da associação livre e pelas condições de possibilidade para emergência empírica das formações do inconsciente” (BIRMAN, 1993 apud VIOLANTE, 2000, p.114).

A pesquisa teve como abordagem o método qualitativo. Quanto aos fins, o tipo de pesquisa foi exploratória e descritiva e quanto aos meios de investigação, a de campo e estudo de caso. Foi realizada numa Unidade de Acolhimento Institucional no município de Porto Velho/RO, tendo como amostra 3 (três) cuidadoras, com um período mínimo de 3 (três) anos nos cuidados às crianças lá acolhidas. A coleta de dados se deu através de entrevistas semiestruturadas individuais com dois encontros e tempo delimitado em 50 minutos, utilizando-se de gravador de áudio.

As entrevistas enfocaram as seguintes questões: Como é a sua relação com as crianças na instituição? Como você percebe a aproximação dessas crianças a você? Emocionalmente como você se sente para cuidar das crianças? Você percebe que de algum modo o cuidador representa uma figura materna para as crianças?

No intuito de se obter a compreensão de tais fenômenos que configuram numa interpretação dos aspectos subjetivos de cada cuidadora. Passemos adiante para análise de tais proposições.

Apresentação e discussão dos resultados

Numa análise psicanalítica buscou-se a captação dos aspectos psíquicos que se inserem na percepção dessas cuidadoras enquanto objeto de escolha de amor para essas crianças que se encontram na unidade de acolhimento. O foco das entrevistas foi a relação⁵ enquanto forma de interação e proximidade entre cuidadoras e crianças, as vicissitudes emocionais implicadas nesses cuidados e, por fim a representação da figura materna como primordial para o estabelecimento de um vínculo afetivo positivo. As entrevistadas receberam nomes fantasias como forma de preservar sua identidade e da instituição em que atuam.

Flor de Liz – 51 anos de idade – 3 anos de atuação

Margarida - 42 anos de idade – 9 anos de atuação

Violeta – 51 anos de idade – 9 anos de atuação

- Como é a sua relação com as crianças na instituição?

Flor de Liz:

Tento fazer o acolhimento mais humano possível né, mostrar pra eles que apesar da situação que eles vieram parar aqui ter sido ruim, mas aqui eles vão ficar bem, procuro passar isso dia a dia pra eles.

Margarida:

Eu gosto de arrumá-las, gosto de pentear, fazer penteado assim, gosto de perfumar elas, tanto é que eu gosto de andar com meu kit de..., que eu falo de beleza delas. [...] Eu noto que elas querem que eu fique perto delas, que elas gostam de ser cuidadas, eu vejo isso também.

Violeta:

Os cuidados que eu tenho com eles aqui é com o mesmo desempenho quando eu to em casa eu faço com minha família, eu não acho diferença, claro..., é assim, mas eu não faço diferença. Eu tenho um amor muito grande por eles uma afetividade que até quando eles saem é difícil pra gente.

⁵ Relação – “trata-se de uma inter-relação, isto é, não apenas da forma como o sujeito constitui os seus objetos, mas também da forma como estes modelam a sua atividade” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 444).

As falas de *Flor de Liz* e *Margarida* demonstram que a relação de cuidadora se baseia numa constante de manter-se presente no dia a dia dessas crianças, seja mostrando que o ambiente é saudável e protetor, seja no propósito de manter a criança sempre limpa e apresentável com a preocupação dos cuidados físicos e psíquicos, ou na forma de mostrar-se continente aos anseios que a criança apresenta. Tal aspecto pode configurar o que Freud (1921/1996) chamou de empatia, um processo que se relaciona à identificação, na qual tem a finalidade de compreender o objeto no sentido de não se lançar igual ao outro ou de experimentar o que o outro sente, mas de perceber e compreender as angústias e reagir de forma adequada ao que esse objeto sente e pensa. Para tanto, ao promover um ambiente suficientemente bom, a cuidadora não estará apenas suprimindo um lugar de segurança e aconchego, mas uma relação de afeto que pode se perpetuar por um longo período ou até pela vida inteira (WINNICOTT, 2006). O que contribui para um desenvolvimento psíquico sadio e uma relação pautada em confiança.

Essa relação de afeto que se constitui pode se confundir por vezes com o sentir e o agir, pois quando a cuidadora *Violeta* verbaliza: “... *eu não acho diferença, claro... eu não faço diferença*” ela transpõe que os cuidados que ela desvela às crianças podem se basear limitadamente no desenvolver de uma função, por exemplo, de dar banho, comida, vestir e não de perceber os sentimentos que estão aí implicados como a mesma citou nesse “*desempenho*”. Sobre esse constructo Figueiredo (2007, p. 24) diz que “cuidar é, basicamente, ser capaz de prestar atenção e reconhecer o objeto dos cuidados no que ele tem de próprio e singular, dando disso testemunho e, se possível, levando de volta ao sujeito sua própria imagem”. O referido autor ainda cita que “o cuidar converte-se em algo prazeroso e lúdico. Mesmo que imponha algum sacrifício, não é o espírito de sacrifício o que o move” (p. 24). Ou seja, é o prazer de se implicar nessa relação de cuidados que dar o sentido da vivência.

- Como você percebe a aproximação dessas crianças a você?

Flor de Liz:

A gente se envolve com eles não tem como você dizer assim ‘não é... eu vou ser totalmente profissional’ não tem como você ser 100% profissional nesse sentido, você faz com que, você disfarça, faz com que ninguém os outros. É... todos que chegam que beija, que abraça a gente vai lá beija e abraça procura beijar e abraçar na mesma intensidade. Mais assim, tem realmente crianças que a gente sem querer a gente realmente se envolve. Só que a gente não procura deixar isso assim muito exposto.

Margarida:

No carinho mesmo porque a criança também passa carinho pra gente né, as vezes a gente acha não só eu que dou carinho, mas não, a criança passa esse carinho a gente nota nela a aceitação por a gente entendeu? Como é a forma dele se aproximar ele tem confiança no caso, ela tem confiança em mim eu noto a confiança e isso é muito bom isso é uma troca.

Violeta:

É uma coisa assim inexplicável. [...] Eu me torno uma criança quando assim, quando eu fico assim do lado delas eu me torno uma criança. Porque eu acho assim elas muito pura, criança eu acho muito pura.

Na fala de *Flor de Liz*, por mais que transpareça que haja uma vinculação afetiva nessa aproximação a mesma faz um processo inconsciente de intelectualização das suas emoções, se justificando por meio da relação trabalho e cuidado como forma de não deixar mostrar os seus próprios conflitos, o que se configura numa ambivalência “... a gente sem querer a gente realmente se envolve...”, apresenta tentar manter certo distanciamento para não se envolver e ao mesmo tempo se sente dentro dessa relação. Esta acepção designa “as ações de um conflito defensivo em que entram em jogo motivações incompatíveis, visto que aquilo que é agradável para um sistema é desagradável para outro, pode-se qualificar de ambivalente qualquer formação de compromisso” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 18). Tentando assim se preservar das demonstrações do que sente para não se expor.

Em contrapartida, *Margarida* demonstra que há uma manifestação de afeto nessa convivência, e esta vinculação é confirmada através do movimento de um acolher ao outro. Ou seja, a cuidadora proporciona um ambiente facilitador onde a confiança e o carinho que ambos se dedicam é a base para tal aproximação. Contanto, “[...] essa identificação permite, de fato compreender a gênese do amor em termos de transferência de egoísmo: proteger e gratificar o objeto de amor e de identificação e, definitivamente gratificar-se a si mesmo e de investir narcisicamente” (PETOT, 1982, p.32).

Em relação a *Violeta*, ao mesmo tempo em que ela deixa transparecer a não compreensão do que lhe foi questionado assim como uma resistência a expor seus sentimentos, se coloca numa posição regressiva em relação às crianças. Essa regressão volta-se ao estado de construção do próprio pensamento da criança, das primeiras relações objetais e da estruturação do comportamento, como exemplo a dependência do outro para atender as próprias necessidades. Ou seja, ela se coloca numa posição igualitária as crianças “... eu me torno uma criança...” como quem precisa dos mesmos cuidados e de atenção. Ou talvez se coloca numa posição defensiva para se abster de responder como se sente em relação a proximidade das crianças a ela.

- Emocionalmente como você se sente para cuidar das crianças?

Flor de Liz:

É... eu nunca posso dizer que cheguei assim tipo assim “ai, cheguei estressada”! isso não né! Quando eu entro aqui entendeu é a felicidade de ver as crianças de novo né. Quando você chega, ela já vem com aquele sorriso né, aquela felicidade de te ver novamente então isso aí né já apagou tudo aquilo, todos aqueles problemas que ocorreram no dia anterior né. Então, se isso é estar bem emocionalmente eu me sinto assim.

Margarida:

Eu me sinto preparada. Eu sinto. É uma coisa que vem de mim ser calma né. É que na condição que eles vem, que eu vejo que eles vem, me faz eu cada vez mais fazer um exercício mental antes de vir pra cá e durante o tempo que eu fico aqui pra fazer um trabalho tranquilo executar meu trabalho com tranquilidade.

Violeta:

É, muito frágil e dentro dessa fragilidade fica... é muita emoção sabe, e ao mesmo tempo eu me sinto forte muitas vezes pra poder afagar essas crianças com palavras, com afeto, acariciar e tudo. Mais a emoção muitas vezes ela fica muito abalada. E eu sinto que eu tenho que ser forte pra mim poder ajudar porque se eu enfraquecer se eu ficar só com minha emoção eu não vou conseguir ser forte. Eu preciso ser fortaleza pra mim poder ajudar os que são frágeis.

Flor de Liz denota que o seu bem estar emocional está relacionado a troca de afeto dela com as crianças, porém se percebe que de uma forma latente ela deixa de lado por momentos o que lhe causa incômodo, parece que os seus sentimentos em relação talvez ao seu trabalho ficam encobertos enquanto está nessa manifestação de carinho. O que sugere que há uma separação da razão e da emoção.

Margarida se coloca na posição de que devido à situação pela qual as crianças vieram parar na instituição e o sofrimento que elas passam em consequência disso, se faz necessário fazer um esforço para que a qualidade do sentimento que ela transmite não interfira nos cuidados a essas crianças. Refere-se não só a sua relação de quem é responsável por indivíduos que necessariamente dependem dos seus cuidados, mas como profissional que tem uma função a ser cumprida. E para esse fim tem que está em constante cobrança consigo mesma de que precisa estar bem para desempenhar o seu papel, parecendo uma racionalização de possíveis conflitos psíquicos.

Violeta se revela numa constância de suprir algo que foi perdido, como exemplo o vínculo afetivo entre a criança e a família nuclear no ato da separação, assim busca acolher de uma forma bastante terna, mas ao mesmo tempo parece sentir a necessidade de ser retribuída também. Coloca-se como desempenhando o papel de figura materna que é de proteção, segurança e de satisfação de desejos e ao mesmo tempo de modo similar se mostra precisando

de ajuda. Quando Violeta cita: “*eu sinto que eu tenho que ser forte [...] porque se eu enfraquecer se eu ficar só com minha emoção eu não vou conseguir ser forte*”, nesta posição Figueiredo (2007, p.21) entende que “o cuidador exerce a renúncia à sua própria onipotência e à aceitação de sua própria dependência. É preciso saber cuidar do outro, mas também cuidar de si”. Se perceber como alguém que precisa de cuidados é reconhecer os próprios limites e ao mesmo tempo dar vazão para a resignificação de suas próprias vivências.

- Você percebe que de algum modo o cuidador representa uma figura materna para a criança?

Flor de Liz:

Uma referência. Eu creio que sim, porque é o que elas têm né. Eu vejo nas crianças que realmente elas vivem assim um dia de cada vez, elas não nos cobram assim né certas coisas, o que elas querem é só aquilo ali, o carinho, a atenção. ‘Ah mãe eu queria um sapato!’ Isso e aquilo né. Aqui não, eles não nos cobram isso, eles nos cobram a atenção mesmo, a atenção, o carinho é isso aí.

Margarida:

Funciona, tanto é que a gente vê isso expresso. Eles expressam isso pra gente através do sentimento de retorno. É..., tipo eu gosto de dá banho nas crianças como eu to dando banho no meu filho, então eu lavo os pés, as unhas. Na menina eu falo da limpeza íntima que ela tem que fazer lavar direitinho e depois do banho eu seco o cabelo com carinho e com cuidado sentir..., eu faço penteado. É uma, é uma troca e eu vejo o retorno que ela... a aceitação, ela gosta, ela pergunta quando é que eu vou tá de novo, eu vejo isso.

Violeta:

A gente termina sendo uma conselheira pra eles, tá mostrando pra eles o que é certo. A figura materna a gente não consegue suprir. Por mais que eu fazer de um tudo, eu jamais vou suprir. Eu sempre penso assim, a família ela é a principal. Tu pode dar tudo. O amor materno ele é diferente.

O que se interpreta através do discurso de *Flor de Liz* e *Violeta* é que talvez seus cuidados funcionem como um paliativo para as crianças enquanto elas permanecem acolhidas. As cuidadoras se mostram num papel de alguém que está sempre ali, presente e receptiva para acolher, sustentar e orientar, mas não como alguém que veio para substituir, por exemplo, a mãe. Bowlby (2002) relaciona que para uma figura substituta é mais difícil estar nesse papel, pois a mesma carece de alguns atributos para suprir o lugar da mãe. Ele cita que os níveis hormonais e a falta de identificação com a criança pode ser exemplos dessas dificuldades. E, “[...] em consequência destas limitações, as respostas maternas de uma substituta poderão ser menos fortes e menos sistematicamente deflagradas do que as de uma mãe natural” (BOWLBY, 2002, p. 381). Porém, ao se fazerem presentes cuidadoras que estejam dispostas a

manter um vínculo positivo e proporcionar um ambiente sadio para as crianças, estas se sentirão protegidas e gratificadas por tais cuidados.

Bowlby (2002, p.380) cita ainda que “[...] desde que uma figura substituta se comporte de um modo maternal em relação a um bebê, este a tratará da mesma maneira que uma outra criança trataria sua mãe natural”. Corroborar-se com essa passagem quando *Flor de Liz* verbaliza “[...] *Aqui não, eles não nos cobram isso, eles nos cobram a atenção mesmo, a atenção, o carinho é isso aí*”.

O que denota através do discurso de *Margarida* é que a mesma se implica nesse papel de figura materna para as crianças acolhidas, e essa sua inserção pode ser baseada nos três fundamentos do papel de mãe, os quais, segundo Winnicott (2005) são: o *segurar (holding)* que é o provimento das necessidades ambientais e psicológicas, por exemplo, a identificação, a confiança e a troca de carinho. O *manipular (handling)* que envolve o contato físico, por exemplo, o pentear do cabelo, o dar banho e comida. E, por fim a *apresentação de objetos (object presentation)* que é a capacidade da criança relacionar-se com objetos, nesse aspecto é o momento em que se dá a possibilidade da construção de relacionamentos interpessoais. Segundo Winnicott (1983, p. 49), “o *holding* físico [...] é possivelmente a única forma em que uma mãe pode demonstrar ao lactante o seu amor”. Nesse sentido percebe-se que *Margarida* demonstra o vínculo afetivo para com as crianças através dessa troca de confiança, do sentimento de que está sendo retribuída pelo que faz e dos cuidados físicos que proporciona.

Considerações finais

Pretendeu-se neste trabalho analisar qual o significado do vínculo afetivo para o cuidador na sua relação com as crianças em situação de acolhimento institucional. De acordo com os dados obtidos através da interpretação dos discursos das cuidadoras identificou-se que as mesmas sentem-se satisfeitas em desempenhar sua função, porém a significação de vínculo afetivo para elas se baseia numa perspectiva de suprimento das necessidades que os infantes não possuem no período em que estão acolhidas. Dos cuidados que são proporcionados às crianças, que é de resguardar as condições físicas, habitacional e alimentar, ao mesmo tempo em que está dentro de uma exigência profissional institucional as cuidadoras se sentem também no dever de proporcionar carinho, atenção e segurança. Ao receber esse apoio as crianças respondem de uma forma positiva daí surge uma relação vincular afetiva.

Neste envolvimento de afeto pode estar implicado o entendimento por parte das cuidadoras de que a privação de laços afetivos durante a infância interfere no

desenvolvimento saudável da criança. Talvez como uma compensação por tais sofrimentos devidos às perdas emocionais envolvidas nesse distanciamento familiar elas sentem-se responsáveis por suprir tais lacunas na vida dessas crianças. À medida que há uma autoexigência de responder aos dois papéis como a função de cuidadora e figura substituta, surgem questões emocionais que fazem com que as mesmas não se deem conta dos conflitos que podem gerar e da sobrecarga produzida, e isso poderá influenciar em ambas as responsabilidades de uma forma negativa. O que pode acontecer é o não se permitir a sofrer ou descarregar as próprias angústias para não interferir, tanto no seu trabalho como na vivência com as crianças.

Estar numa posição de quem representa uma figura materna e responder a tais expectativas não é algo fácil de submeter-se, pois no contexto institucional existem questões que altera o significado dessa relação. Inicialmente, a perspectiva de um ambiente que acolhe crianças é a proteção da integridade física e a manutenção de um local acolhedor e isso a princípio já influencia a forma como se recebe a criança, pois antes mesmo dela chegar à instituição já têm de modo “imposto” as regras e limitações da função de cuidadora. E como Guirado (1986, p. 201-203) apontou: “[...] o ato de cuidar não se insere num conjunto de práticas ‘naturais’ e imediatas, mas de práticas profissionais, mediatizadas pela condição de ser esta uma relação de trabalho, uma prática produtiva. É um outro cuidado. É uma outra relação”.

Porém, é imprescindível que o profissional além de estar ciente de suas atividades e conhecimentos acerca de suas responsabilidades com as crianças tenha um conhecimento sobre si mesmo e das angústias que levam a respeito do seu trabalho. É importante que percebam a necessidade de preservar e manter um vínculo afetivo com as crianças, proporcionando-as a capacidade de se aproximar e de se relacionar com outros indivíduos. Pois, o acolhimento dessa criança num ambiente sadio e facilitado para a construção de vínculos afetivos positivos é essencial para estabelecer a sua capacidade funcional do ego e do senso de *self*⁶.

A partir de tais compreensões acerca da construção do vínculo afetivo e da importância da função de um cuidador substituto na vida das crianças que se encontram desamparada sem o olhar familiar ou materno, faz-se urgência que a instituição de

⁶ Desde o nascimento, os bebês experienciam sensações e as utilizam para construir uma noção ou um senso pessoal consciente de si mesmo – e é desta forma que a experiência intersubjetiva acaba por tornar-se fundamental na organização pessoal (ABREU, 2010, p. 29)

acolhimento envolvida nesse contexto permita-se a olhar para esse cuidador de uma forma especial, colocando-o como sujeito no processo de cuidados, dando-o suporte para escuta de seus anseios e medos e as dúvidas enquanto a sua atividade prática.

Contudo, é necessário que novos estudos acerca do trabalho dos cuidadores em instituições de acolhimento sejam levados em diante e que possa ser amparado com novas perspectivas e conhecimentos, emergindo outras possibilidades que corroborem com os resultados aqui encontrados.

Referências

ABREU, Cristiano Nabuco de. **Teoria do Apego: fundamentos, pesquisas e implicações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

ALBORNOZ, Ana C. Garcia. **Psicoterapia com crianças e adolescentes institucionalizados**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BELSKY, Jay. **Pesquisa e teoria do apego sob uma perspectiva ecológica**. In: Apego da infância à idade adulta: os principais estudos longitudinais. GROSSMANN, Klaus E. et. al (Org). São Paulo, Roca, 2008.

BOWLBY, Jonh [1907]. **Apego, a natureza do vínculo**. [tradução de Álvaro Cabral]. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. v. I (Psicologia e pedagogia).

_____. **Apego e perda: separação: angústia e raiva**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. v. II (Psicologia e pedagogia).

CEDARO, José Juliano. **Teoria dos Campos e pesquisa acadêmica**. In: V Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por Escrito, Interpretação e cura. HERRMANN, Leda; BARONE, Maria Codeço (Coords.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **A metapsicologia do cuidado**. Psyche. São Paulo, 2007. vol.11, n.21, pp. 13-30. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 25 out. 2012.

FREUD, Sigmund. **À guisa de Introdução ao Narcisismo [1914]**. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Hans, Luiz Alberto (coord.). Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. **Psicologia de grupo e análise do ego [1921]**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII.

_____. **Três ensaios sobre a sexualidade [1905]**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.

GUIRADO, Marlene. **Instituição e Relações Afetivas: o vínculo com o abandono**. São Paulo: Summus, 1986.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean – Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PETOT, Jean-Michel. **Melanie Klein II, o ego e o bom objeto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. (Coleção Estudos).

SROUFE, Alan L. **Estabelecimento das primeiras experiências de apego em um contexto do desenvolvimento**. In: Apego da infância à idade adulta: os principais estudos longitudinais. GROSSMANN, Klaus E. et. al (Org). São Paulo, Roca, 2008.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. **Pesquisa em Psicanálise**. In Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise. Raul Albino Pacheco Filho et al. (orgs.) – São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.

WINNICOTT, Donald W. [1965]. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo. Martins Fontes, 2005.

_____. [1965]. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional**. Porto Alegre, Artmed, 1983.

_____. **Os bebês e suas mães**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Psicologia e Pedagogia).

Obras Consultadas

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT**. 15 ed. Porto Alegre, s.n., 2011.

CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Alínea, 2004.